

**ADEUS** OVALE SE SOLIDARIZA COM TODOS AQUELES QUE PERDERAM PARENTES E AMIGOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

# A DOR da despedida

A pandemia de Covid-19 deixará uma legião de enlutados e, com a ausência de ritos fúnebres, será preciso descobrir uma nova forma de curar a dor da perda

## SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

**Paula Maria Prado**  
@paulamariaprado



O telefone virou inimigo. Certas notícias não podem ser dadas por ele, reza o protocolo. Mas seu toque é o prenúncio de que algo errado aconteceu. As peças escolhidas a dedo para serem usadas pelo ente querido na despedida de nada servem: não há troca de roupa em caso de morte por Covid-19. A determinação é de que o corpo seja colocado imediatamente em um saco impermeável e no caixão lacrado. Após a apressada cerimônia, é hora de enterrar ou cremar.

Do pó ao pó, cita Gênesis. Aos vivos restam as boas memórias, o desejo por um abraço apertado, a dor e, muitas vezes, uma sensação estranha de não despedida. É que o luto nesse período de pandemia, para muitas pessoas, é um dos mais difíceis de superar. A ausência do ritual dificulta o reconhecimento da perda.

“Sem a visão do corpo mor-

to, maior será a frequência de fantasias de que a pessoa não morreu, que ela vai voltar, que aquele corpo não era do parente ou amigo”, afirmou Cloves Amorim, psicólogo e professor na PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná).

“Então, a primeira atividade para a elaboração do luto é o reconhecimento da perda, em especial porque não existe registro de morte para o inconsciente. Portanto, as contingências que produzem angústia, também podem piorar ou dificultar a vivência do luto”, ressaltou.

Socialmente, todas as etapas até o enterro ou cremação são importantes. “É o momento de encontrar as pessoas que você ama, receber um abraço. É a hora que fica evidente também o quanto aquela pessoa que morreu era querida. Há as recordações de histórias vividas... Tudo isso ajuda na elaboração do luto”, disse Tom Almeida, fundador do inFinito, movimento que tem o objetivo de criar uma relação “mais amigável” com a morte e fazer dela uma importante peça no desenvolvimento humano.

“No entanto, o que vivemos

agora é muito complexo e desafiador, comparável a uma morte violenta por acidente ou catástrofe porque tem sido roubado o direito de participar do ritual. Então pode ficar a sensação de que não pude me despedir adequadamente”, continuou Almeida.

Estima-se que cada morte afete entre quatro e 11 pessoas diretamente. No Brasil, até o fechamento desta reportagem (sexta-feira, dia 26, às 16h) a Covid-19 havia feito 55.961 vítimas. Ou seja, há entre 220 mil e 605 mil pessoas enlutadas, muitas precisando de suporte.

“O luto pela Covid-19 é traumático uma vez que há também a questão da imprevisibilidade. Antes do ritual fúnebre, há uma história de cuidado com o ente que está morrendo. E, no caso da pandemia, familiares e amigos ficam reféns das comunicações institucionais, uma vez que não podem acompanhar seus parentes durante a internação. E, nem sempre o hospital dá conta de tantos avisos”, afirmou Erika Pallottino, uma das fundadoras do instituto Entrelaços e idealizadora do projeto “Cuidado ao Luto pela Covid-19”, que reúne orientações e atendimento voluntário oferecendo cuidado para pessoas que perderam amigos e familiares.

## ADEUS.

A terapeuta floral Zuma Pavi-

tra, 68 anos, de São José dos Campos, viveu na pele a experiência. Seu pai morreu no dia 19 de março depois de seis dias no hospital e, na sequência foi a vez de seu cunhado, que iria fazer 71 anos. “Meu cunhado ficou 28 dias no hospital, sendo 20 dias na UTI (Unidade de Terapia Intensiva). Não se recuperou”, contou ela a OVALE.

Zuma, que viu seu pai pela última vez no dia 12 de março, no entanto, conta ter conseguido viver o luto em plenitude. “É claro que fiquei triste. Mas encaro a morte como parte do processo humano”, afirmou. “Por outro lado, como terapeuta, vejo que muita gente não está bem com a situação. Tenho recebido muitas pessoas em busca de apoio emocional”.

Profissionais que trabalham o luto vêem claramente a existência de algumas fases, mas elas se misturam e dependem da estrutura emocional de cada pessoa que está vivendo aquele momento.

“O luto é um processo natu-

“A notícia do falecimento impôs uma ruptura radical na minha vida, separando o antes e o depois deste trauma. Cheguei a escrever no dia ‘nada será como antes’, pois é justamente como eu me sinto...”

### Paloma\*

Paloma perdeu seu pai

“Sem chão, sem rumo, tentando ser forte, por causa de meus filhos, mas a minha sensação é que estou ainda em queda livre, já perdi a alegria que eu tinha de viver”.

### Jacqueline\*

Jacqueline perdeu seu marido e sua mãe

“Pedi para deixar o rosto visível dentro do caixão lacrado. Fui atendido, e ao chegar no cemitério, onde não pode haver velório e somente 10 pessoas no sepultamento, antes de o colocarem na sepultura, abri o local onde fica o vidro para minha mãe poder olhar meu pai pela última vez. Ali nos despedimos dele.”

### Dayvison\*

Perdeu seu pai

\*Depoimentos retirados das “Memórias”, do portal Cuidado ao Luto ([cuidadoaoluto.com.br](http://cuidadoaoluto.com.br))

